

Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

Lição 7

A evangelização abraça o mundo

Avançando agora para o quarto capítulo de nosso documento – “A dimensão social da evangelização” – começamos com uma insistente e renovada exortação do papa para que não aconteça uma esquizofrenia em nossa fé cristã: a dimensão comunitária e social não é um acréscimo, é dimensão integrante do evangelho que recebemos e que somos chamados a cuidar. Há uma *unidade entre confissão da fé e compromisso social*, e isso pode ser contado de alguma forma ao longo da história da Igreja. Nos últimos tempos a dimensão social se desenvolveu num corpo doutrinal, a Doutrina Social da Igreja, que o papa lembra ser parte da responsabilidade de evangelizar. Nela está incluída agora a ecologia: “Amamos este magnífico planeta onde Deus nos colocou, e amamos a humanidade que o habita, com todos os seus dramas e cansaços, com os seus anseios e esperanças, com seus valores e fragilidades. A terra é a nossa casa comum, e todos somos irmãos” (EG 183).

É da tradição da Igreja o cuidado preferencial pelos mais pobres. Mesmo em relação ao outro cuidado, o dos doentes, é sempre entre os mais pobres que vamos encontrar o clamor maior, um clamor que é ao mesmo tempo dos pobres e de Deus – pois em Cristo Deus se identifica com os mais pobres. A Igreja na América Latina desenvolveu uma pastoral e uma teologia que reacenderam esta tradição de maneira clara e incontornável. Mas aqui, num documento pontifício para toda a Igreja, o papa lembra o magistério da Igreja por todo lado, incluindo papas anteriores, a respeito desta centralidade: a dos pobres. Pede honestidade para que não nos enganemos a nós mesmos a respeito dessa relação intrínseca entre o cuidado dos pobres e o anúncio do Reino de Deus. Quando se olha para a sociedade, ainda que políticas seja responsabilidade do Estado, a Igreja se une a diferentes movimentos e forças sociais e transforma a evangelização em “inclusão social dos pobres” (EG 186ss). E quando se olha para dentro da Igreja, desde o Novo Testamento até nossos dias, a pobre com seu clamor, com sua voz e sua dignidade, necessita um “lugar privilegiado no povo de Deus” (EG 197ss.) Este é o sinal e o lugar maior da evangelização.

Mas para uma evangelização eficaz, é necessário ter o olhar levantado para a complexidade da sociedade, da economia, do seu funcionamento, do sentido humano da economia, viciada pelo capitalismo de acúmulo quando a economia justa deve considerar a distribuição e a justiça social. É contundente: “Não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado”(EG 204), o que exige não só pensar em crescimento econômico mas programas e políticas sociais de distribuição e criação de oportunidades, promoção integral que supere o mero assistencialismo. Por isso é

necessário considerar também a política – que o papa volta a lembrar como uma forma necessária do amor cristão: “A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum”(EG 205). Ele lembra também que o Reino de Deus que anunciamos na evangelização segue o método e os passos de Jesus: os sinais da vinda do Reino eram realizados no corpo dos doentes, no pão dos famintos, no ensinamento, na contestação da injustiça e da falsa religião em favor de uma conversão à justiça. A santidade, enfim, consiste no amor e na justiça mais do que em rituais.

Enfim, o papa lembra a postura evangelizadora básica diante da miséria: a misericórdia. Nesse capítulo encontramos já como programa de evangelização e de pontificado tudo o que o papa iria desenvolver nos próximos anos: uma igreja em saída para ser solidária com os pobres, uma Igreja de misericórdia, abraçando em seu amor evangelizador inclusive a terra, todas as criaturas irmãs.

Questão: Comente esta afirmação do papa Francisco: “Para a Igreja, o opção pelos pobres é mais uma categoria teológica do que cultural, sociológica, política ou filosófica”(EG 198).